

Há mais de 30 anos, a rua do Saldanha, no bairro do Pelourinho, vem tornando-se mais conhecida em Salvador como a “rua dos eletrônicos”. Lá consertam-se TVs, DVDs e rádios, é possível encontrar peças e modelos raros de aparelhos de som e comprar as delicadas agulhas, o primeiro passo para desempoeirar vitrolas e discos. Nos dias derradeiros do sinal analógico de TV na capital baiana, e a mudança de vez para o digital, não havia espaço livre dentro das dezenas de lojas.

“Veio a cidade toda procurando os conversores, principalmente no dia 27 de setembro do ano passado. Foi uma loucura. Às vezes, pensamos que não, mas muita gente ainda assiste televisão todos os dias”, afirma o vendedor Edivaldo Cardoso.

A ruazinha, com entrada pelo Terreiro de Jesus e cujas interseções dão conta de um emaranhado de vielas e ladeiras, é caracterizada pela especialização comercial. Assim também é a rua do Salete, nos Barris, com a informática; a do Corpo Santo, no Comércio, e as numerosas lojas de artigos esportivos; e a do Paísaio ou “rua das festas”, na Mouraria.

Os comerciantes desses lugares preferem a concorrência direta (até de si) como vizinha, ao invés de arriscar a solidão atrás dos balcões e/ou bolsos vazios.

“A concentração nos ajuda bastante. Os clientes vão em várias lojas, pois sabem que vão encontrar o que querem aqui. Se fosse só a gente, teria bem menos movimento, a rua seria diferente”, diz Jusceli Santos, proprietária, ao lado do marido, da Eletrônica Unisom há 23 anos, na rua Guedes de Brito, transversal à Saldanha da Gama. Ela conta que a consolidação da “rua dos eletrônicos” ocorreu no auge dos blocos com cordas e trios elétricos carnavalescos.

“Tinha muita demanda para o Carnaval entre os anos 1990 e início dos 2000. O pessoal dos trios elétricos comprava muito aqui. Mas agora importa de outros lugares. E a rua está ficando mais eclética, já tem também instrumentos musicais e informática. Hoje são as igrejas as nossas principais clientes, compram caixas, microfones”, relata Jusceli.

Vozes antigas da rua narram que a formação do conjunto de lojas de eletrônicos partiu de algumas iniciativas, entre elas a de um sujeito que se chamava Aniel Almeida, dono da famosa Betel. Para trabalhar com ele, o primo, Judison Lopes, saiu na década de 1960 de Santa Inês, município do interior da Bahia, e chegou a Salvador.

“Tinha 12 anos. Estudava de noite e trabalhava durante o dia. Comprava peças, pegava almoço. E fui aprendendo na prática, depois fiz curso”, conta Judi-



Na rua do Salete, predomínio das lojas de informática

son, atualmente proprietário da loja Mundo Eletrônico. Um nome apropriado para o local, cujo acervo tem relíquias como o rádio de válvula Philips e outro Abc A Voz de Ouro, além de vitrolas, aparelhos de som diversos e TVs. Dos produtos mais antigos aos novos, percorrem-se quase 100 anos.

O rapaz conta que já alugou, muitas vezes, equipamentos antigos para novelas, filmes e minisséries. “As caixas de som que aparecem na abertura de *Segundo Sol* (novela da Rede Globo) são minhas”, diz, dentro do seu aquário de trabalho, onde faz montagens, consertos e troca de peças. Numa noite difícil de lembrar, viu a sua loja pegar fogo e perdeu todos os equipamentos, mas reconstruiu e acompanhou a ampliação do comércio.

“Isso aqui é um segmento, o que é bom para os clientes. Imagine você procurar algo numa loja, não achar e ter que atravessar a cidade para comprar em outro lugar?”, questiona Judison e, em seguida, argumenta que tal concentração é comum no ambiente urbano. “Cada capital tem as suas ruas segmentadas. Na área de eletrônicos, a rua Santa Ifigênia é um exemplo, em São Paulo”.

DE RESIDÊNCIA AO COMÉRCIO

Os mais velhos moradores da rua do Salete, localizada num ponto estratégico que liga a Piedade aos Barris, sequer imaginavam que aquela paragem, sempre pacata e residencial, se transformaria num cenário de intensa atividade comercial. De duas décadas para cá, os pendrives, HDs, computadores, notebooks e demais